



## **MEDIAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INFANTIL: ENSINO DE HABILIDADES BÁSICAS PARA PESSOAS COM AUTISMO.**

Bárbara Pacheco de Sousa <sup>1</sup>  
Gleiciane Maria Gonçalves de Oliveira <sup>2</sup>  
Adalgisa Moura Silva <sup>3</sup>  
Helena Cristina Menezes <sup>4</sup>

### **RESUMO**

O propósito do presente escrito é apreciar algumas das contribuições do livro “Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo”, Gomes e Silveira (2016). As contribuições advêm do Projeto de Extensão vinculado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Campus Picos- PI, através do Programa Bolsa Extensão Universitária (PIBEU/PREX). O projeto “Mediação Escolar: Princípios Formativos e Interventivos para crianças com Transtorno do Espectro Autista a Educação Infantil”, cujo foco é oportunizar aos estudantes do curso de Pedagogia formação específica, embasadas na Análise de Comportamento Aplicada. Para revisão desse estudo, a pesquisa bibliográfica ficou baseada nas discussões de alguns autores, a partir dos artigos, a saber: Mousinho, et al (2010), Costa e Oliveira (2018), Macedo (2018) e do livro base citado inicialmente. O estudo servirá de base para demais estudantes e pesquisas relacionadas à educação inclusiva, especificamente, pessoas com (Transtorno do Espectro Autista – TEA. Considerou-se a proposição das ações interventivas ao trabalho pedagógico com foco no desenvolvimento de habilidades básicas dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Análise do Comportamento, Educação Infantil, Mediação Escolar, TEA.

### **INTRODUÇÃO**

A mediação escolar é um termo utilizado para pensar a ideia de intervenção pedagógica para propôr melhor desenvolvimento das crianças, além de propiciar autonomia na rotina escolar desse aluno. Vasconcellos (2018), trás uma breve observação, sobre quem é esse mediador escolar apesar das lacunas que estabelecem por ausência de clareza da Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, geralmente “(...) é um estudante de psicologia ou pedagogia em formação (ou em alguns casos já formado), que realiza cursos relacionados à

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Picos-PI, [barbipacheco.s@gmail.com](mailto:barbipacheco.s@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Picos-PI, [gleiciane.oliveira18@gmail.com](mailto:gleiciane.oliveira18@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Picos-PI, [adalgisasilva123456@gmail.com](mailto:adalgisasilva123456@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora Orientadora: Graduação em Pedagogia e Psicologia, Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará –UECE. Efetiva pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Picos – PI. [helenacristinam@yahoo.com.br](mailto:helenacristinam@yahoo.com.br);

<sup>5</sup> Projeto de Extensão do Programa Bolsa Extensão Universitária (PIBEU/PREX)/ Vinculado Pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI/Campus Picos-PI.



educação inclusiva e à mediação, além de realizar as intervenções com a criança dentro da sala de aula”.

Na educação infantil, o mediador tem um papel fundamental, pois muitas vezes é necessário adaptar conceitos e atividades ou por serem muito complexas e abstratas a criança com TEA não consegue acompanhar ou por não conseguir realizar determinadas atividades consideradas básicas como sentar e esperar, manter contato visual e até brincar.

Partindo desse pressuposto, este artigo aborda possíveis contribuições do livro de apoio, que serve como base para o grupo de estudos vinculado Programa Bolsa Extensão Universitária (PIBEU/PREX), “Mediação Escolar: Princípios Formativos E Interventivos para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil”. Assim, seu objetivo geral é analisar as contribuições do livro Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo, na educação infantil. Além de ressaltar os estudos feitos através do Projeto de Extensão do Programa Bolsa Extensão Universitária (PIBEU), embasada em ciência ABA (*Applied Behavior Analysis*) e na Análise de Comportamento Aplicada, oportunizando aos estudantes do curso de Pedagogia a formação com base em tais contribuições.

As ações do projeto iniciaram-se no primeiro semestre de 2020, com reuniões virtuais realizadas através de estudos feitos pela plataforma *Google Meet*, com debates e compartilhamento dos entendimentos e dúvidas acerca dos textos. O projeto é formado por seis integrantes, a orientadora dá espaço para discussões do assunto para que possamos praticar nossas reflexões como mediadoras no futuro no âmbito escolar. A partir do segundo semestre (2020.2), as reuniões ficaram mais frequentes dado o estado de Pandemia. Estas passaram a ser semanalmente e contemplam além das leituras, as experiências postas no livro com algumas crianças.

O livro *Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo*, Gomes e Silveira (2016), enfatizam que as habilidades básicas são extremamente relevantes. Elas envolvem um agrupamento de comportamentos que envolvem as Habilidades de Atenção, Contato Visual, Imitação, Linguagem Receptiva e Expressiva e Pré-Acadêmicas. Para que a estimulação desse processo ocorra são necessários alguns conhecimentos fundamentais à prática do mediador escolar dentre eles: base teórica sustentada pela Análise do Comportamento, o correto manejo do mediador com as ações e Protocolos de Registros. Nos Protocolos são registrados os comportamentos que a criança apresenta e seus avanços.

Os passos para contribuição desses processos decorridos até aqui, através das Habilidades Básicas Gomes e Silveira (2016), requer que o mediador escolar contribua de forma significativa o desenvolvimento da comunicação e de importantes habilidades sociais



dos alunos dentro espectro autista. Mousinho, et al, (2010), expõem que a principal função do mediador escolar é fazer a intermediação entre a criança e as situações vivenciadas por elas, na qual se encontre com dificuldades de interpretação e ação. Sendo assim, o mediador atua como intermediário em questões sociais e de comportamento, que abrangem a comunicação e linguagem, assim, como atividades dirigidas ou pedagógicas e brincadeiras escolares. O mediador tem um papel de grande importância no desenvolvimento da criança com autismo, uma vez que ele é responsável por interligar a criança ao ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho organiza-se como uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com foco nos estudos do livro *Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo* das autoras Costa e Silveira (2016). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica no bojo de uma revisão de literatura com autores Mousinho, et al (2010); *American Psychiatric Association* (2014); Costa e Oliveira (2018) dentre outros autores. através de encontros e debates virtuais (semanais) ao longo do ano de 2020, advinda do Projeto de Extensão do Programa Bolsa Extensão Universitária (PIBEU/PREX). Buscou-se conhecer para avaliar e evidenciar as contribuições do livro *Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autista*, na Educação Infantil. Tais literaturas foram adquiridas em pesquisas em plataformas de cunho científico (*Google Scholar, SciELO, ResearchGate*), sendo avaliadas as informações disponibilizadas nas mesmas sobre o tema proposto.

## **MEDIAÇÃO ESCOLAR E AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO AO PROCESSO EDUCACIONAL**

A princípio a mediação escolar gera curiosidades sobre o papel do sujeito mediador na escola. Essas dúvidas, na maioria das vezes, despertam inseguranças nos estudantes a começar por diversas nomenclaturas que são dirigidas a este profissional: professor de apoio, agente de inclusão e até mesmo assistente terapêutico, dentre tantas outras.

De acordo com Macedo (2018, p.152), relata que “(...) o professor mediador é aquele que está junto ao aluno com deficiência, dando ferramentas e adaptando tudo aquilo que seja necessário para que este possa ter condições de participar ativamente do cotidiano da escola”. O mediador escolar é indispensável para o desenvolvimento da criança com autismo, uma vez que ele é responsável por favorecer a interpretação do estímulo ambiental, colaborando para



aprendizagem de regras e conectando a pessoa com TEA aos demais presentes na instituição escolar.

Esta mediação é baseada em uma Análise do Comportamento Aplicada (ABA) colabora para o desenvolvimento social da criança autista, uma vez que o trabalho realizado gradativamente para o desenvolvimento de comportamentos básicos, que investiga as variáveis que afetam o comportamento humano. Podendo modificar os comportamentos através do antecedente (ação que ocorre antes da resposta), para que haja uma consequência (a evolução através da resposta). Para manter um comportamento desejado é importante reforçar a consequência adquirida, o reforçar pode ser classificado em positivo (aumenta a probabilidade de um comportamento pela presença de uma recompensa) e negativo (aumenta a probabilidade de um comportamento pela ausência de um estímulo aversivo).

As pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam duas características principais, as dificuldades na interação social e comunicação, além de manifestarem atraso no desenvolvimento e dificuldades de aprendizagem, e também pela presença de interesses restritos e comportamentos repetitivos (estereotipia). A Lei 12.764 (BRASIL, 2012) deixa explícito que: "Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, terá direito a acompanhante especializado".

A Intervenção Comportamental Intensiva, Gomes e Silveira (2016), expõem com objetivo de aproximar, ao máximo, o desenvolvimento da criança com autismo, ao de outra criança típica, por intermédio do ensino intensivo e sistemático dos comportamentos que o sujeito autista ainda não é capaz de realizar e que acaba por deixar o desenvolvimento do mesmo em atraso. Para que haja o sucesso no desenvolvimento se faz necessária uma análise do comportamental (Analista do comportamento), para verificar onde a criança apresenta mais dificuldades, assim, a intervenção começa das áreas mais afetadas, proporcionando maiores ganhos no desenvolvimento.

A mediação do docente no processo de ensino das habilidades para crianças com TEA, acarreta importantes contribuições, uma vez que o Educador colabora para a inclusão. Para que a mediação se torna eficiente, necessita que o profissional da educação tenha conhecimento sobre desenvolvimento infantil, do transtorno do espectro autista (TEA) e de suas características inerentes para que possa planejar estratégias adequadas para oportunizar o ensino-aprendizagem.

É importante salientar que, para se educar um autista, é preciso também promover sua integração social (tarefa árdua, todavia possível). [...] É



imprescindível que os educadores sejam conhecedores do transtorno e de suas características inerentes, como também das especificidades do sujeito, para que possam planejar adequadamente as ações a serem praticadas, dando assim a oportunidade de se ter “utilidade” nessa nossa sociedade tão preconceituosa. (COSTA e OLIVEIRA, 2018, p. 51).

Quando a mediação e o ensino de habilidades básicas são trabalhos em conjunto pelo professor, a criança com autismo se desenvolve com mais eficiência tanto na sua interação social como na sua aprendizagem escolar. O mediador escolar é essencial para a inclusão e desenvolvimento de habilidades sócias da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), além de ser um direto. Entender o papel do mediador colabora para que haja a efetivação pela busca dos diretos das crianças com TEA. Mousinho, et al (p. 94, 2010):

O mediador é aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, chamando a atenção para os seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação recebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo o desenvolvimento (MOUSINHO, et al, 2010, p. 94).

Do ponto de vista normativo, a Lei Berenice Piana (Lei nº. 12.764/12) trouxe inúmeras conquistas para os portadores do Transtorno Global do Desenvolvimento. No âmbito escolar, um dos mais expressivos avanços é o direito a um acompanhante especializado, mas ainda existem muitas dificuldades em afirmar o papel do Mediador e o que de melhor ele pode trazer para o desenvolvimento das crianças com TEA.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5<sup>a</sup> edição (*American psychiatric association*, (2014)), descreve que o autismo também é definido por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Segundo Mousinho, et al (2010), o mediador tem como objetivo ensinar a criança com essas peculiaridades a participar das atividades sócias, bem como se relaciona com outras crianças da sua idade e desenvolver habilidades que se espera dela em cada situação do cotidiano.

Para que isso seja bem aplicado pelos mediadores juntamente com os professores dessas crianças com TEA, o livro tem bastante foco na Análise do Comportamento através das teorias de Skinner, pois apresentam aspectos de contigência, precisando então de uma observação com o (estímulo antecedente), o que acontece antes, em seguida a (resposta) que é observar o que a criança está fazendo e logo após a (consequência) é o que acontece depois, pois é uma iniciativa para se ensinar comportamentos novos para crianças com autismo.

Os estudos foram ocorrendo propicialmente conforme a demanda dos encontros, e assim durante todo o ano foram estudados seis capítulos do livro Gomes e Silveira (2016), ele



é bem dinâmico e de fácil entendimento, são estabelecidos ensinamentos através de protocolos que devem ser aplicados conforme o nível do desenvolvimento do comportamento da criança com autismo, com ajuda do mediador escolar, pois só será bem sucedido conforme a prática de ensinamentos regularmente, sendo assim constituídos de níveis fáceis, médios e difíceis, havendo um avanço gradativo.

## **ENSINO DAS HABILIDADES BÁSICAS PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Visa conforme o Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases – LDB (9.394/96), promover “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, s/p). Tendo em vista a finalidade desta etapa da educação de promoção do desenvolvimento da criança de forma integral o presente texto busca mostrar a importância do ensino das habilidades básicas a crianças com transtorno do espectro autista (TEA) para contribuir no seu progresso escolar. O professor de Educação Infantil, enquanto promotor e mediador da aprendizagem, possui o papel de ensinar as habilidades básicas recorrendo a práticas que transformem a sala de aula em um ambiente de construção de saberes e experiências para um melhor desenvolvimento da criança com TEA.

Para o ensino de “Habilidades Básicas” Gomes e Silveira (2016), requer que o mediador ajude na aplicação do Plano de Ensino Individualizado (PEI). No entanto, cada criança é única e depende de estratégias particularizadas e pertinentes que sejam trabalhadas a partir da avaliação das habilidades da criança em diversos aspectos: brincar social e individualizado, linguagem, comunicação e interação.

As autoras sugerem o uso de protocolo de registro para cada habilidade trabalhada com criança com autismo. Havendo desenvolvimento das potencialidades ensinadas o mediador, gradativamente, avançará de nível, conforme a evolução da criança. Caso a criança não envolva, deverá haver revisão do manejo por parte do mediador e continuará naquele mesmo protocolo até que a criança possa manifestar o comportamento esperado. É importante lembrar que a mediação escolar é baseada no reforço que o mediador estará manifestando ao desenvolver da criança.

O currículo de “Habilidades Básicas”, Gomes e Silveira (2016), são divididos em cinco áreas, sendo elas, 1- Habilidades De Atenção; 2- Habilidades De Imitação; 3-



Habilidade De Linguagem Receptiva; 4- Habilidades De Linguagem Expressiva E 5- Habilidades Pré-Acadêmicas. Ao decorrer do projeto, estudamos duas habilidades, que são a 1 e a 2.

Serão apenas estas duas habilidades as descritas nesse recorte uma vez que elas já foram estudadas na sequência de atividades do grupo. Percebe-se que o ensino dessas habilidades são fundamentais ao longo da vida das crianças e embasa muitas outras para que a criança com TEA possa, a priori, ter sucesso durante o processo de alfabetização.

Conforme Gomes e Silveira (2016), as “Habilidades de Atenção” são divididas em três subitens, que são (Sentar; Esperar e Contato visual). Estas envolvem aquisição de comportamentos relevantes no tocante à cognição, essenciais para a vida cotidiana, não somente para crianças com TEA, mas para todas as pessoas.

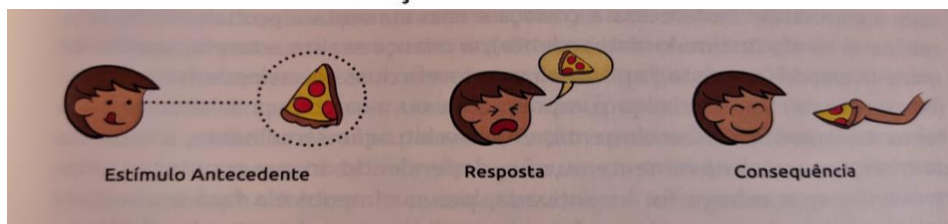
As “Habilidades de Imitação”, são divididas em seis subitens, são eles, (imitar movimentos motores grossos, ações com objetos, motores finos, fonoarticulatórios, grossos em pé, sequência de movimento). São essenciais para a vida social, através das imitações que são desenvolvidas na prática motora aprendizagens, comunicação. Detalha-se melhor a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Projeto De Extensão Mediação Escolar: Princípios Formativos e Interventivos para crianças com Transtorno do Espectro Autista a Educação Infantil, vem desenvolvendo enfoque de como mediar crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil com estudantes de pedagogia. Toma-se como base a obra de Gomes e Silveira (2016), cujo livro é de fácil entendimento e de excelente contribuição para estudantes, profissionais da educação especial e até mesmo para os próprios familiares de pessoas com autismo, desenvolverem intervenções de comportamentos através de mediadores.

O livro Gomes e Silveira (2016) propõe “Avaliação do Desenvolvimento” como primeira forma para saber o que a criança já sabe e o que se deve ser trabalhado. No item “Princípios Básicos de Análise do Comportamento” apresentam habilidades de comportamentos a serem avaliadas e desenvolvidas principalmente para crianças com TEA. Os mediadores devem se manter atentos para todos os tipos de comportamentos, primeiramente dando-se aos “aspectos de contingência”, que é estabelecido como na figura abaixo:

Figura1-Contingência do comportamento de birra



Fonte: Gomes e Silveira (2016, p.34)

Na figura, mostra um exemplo a partir do prisma da Análise de Comportamento, ao se considerar que todo comportamento advém da relação de uma Tríplice Contingência. Na figura 1, está retratado de maneira simples um comportamento de birra. Os “aspectos de contingência” são compostos por 3 aspectos, o primeiro é o estímulo antecedente, que na figura mostra a criança desejando a pizza, o segundo é a resposta, na figura mostra a criança gritando por causa da pizza e no terceiro aspecto é a consequência, ele consegue a pizza por causa da resposta. Esses estímulos não causam automaticamente as respostas, tudo dependerá da ocorrência de determinada resposta.

O livro segue com o item “Como Utilizar este Manual”, onde as autoras explicam as “habilidades básicas” que as crianças devem conter e como desenvolver passo a passo. Elas iniciam com a utilização dos termos “positivo” e “negativo”, quando se refere dos reforços para as consequências dos comportamentos.

O reforço negativo haverá um estímulo aversivo, havendo assim uma “fuga” ou “esquiva”, para que contribua em melhorar o comportamento, devem-se haver repetições semanais dos reforços, principalmente para pessoas com autismo que tem dificuldades no comportamento, com essas repetições na intervenção comportamental intensiva ela conseguirá aprender fazer coisas que antes não fazia.

Deve-se ter muito cuidado ao lidar com esses comportamentos, pois também existe a “extinção”, esse recurso é utilizado para diminuir comportamentos e aplicado de maneira (errada-agressiva), pode reforçar ainda mais a birra da criança, ou fazer com que ela nunca mais volte a praticar um comportamento por causa do trauma.

Nesses manuais, são estabelecidos os “Protocolos de Registros”, são modelos para os profissionais registrarem os comportamentos emitidos pelas crianças. eles são: (Objetivos e Metas, ABC, Certo/Errado, Ocorrência de Respostas e de Manutenção). Assim um registro para cada criança enfocando avanços/retrocessos e facilitando a intervenção para quando precisar passar de nível.

## 1. Habilidades de Atenção;





As “habilidades de atenção”, que é composta por programas de ensino, como (Sentar, Esperar e Contato Visual), serão estabelecidas através dos protocolos (Ocorrência de Resposta) para habilidade de sentar e esperar, já para o contato visual utiliza-se os protocolos (Objetivos e metas; Manutenção e contato visual; Contato visual). O mediador deve se manter atento para cada comportamento, havendo registro nos protocolos, sempre reforçar/elogiar o comportamento da criança e efetuar registros em diferentes ambientes caso tenha crescido gradativamente em cada habilidade, uma é essencial para o avanço da outra.

**a) Sentar;**

As autoras definem que “permanecer sentado é necessário em várias situações do cotidiano; na sala de aula, na espera de um consultório, no ônibus, enquanto estamos almoçando ou quando assistimos um filme” (p. 61). Pois as dificuldades de permanecer sentadas acontecem com várias crianças autistas, sendo uma habilidade essencial pra novas aprendizagens que podem ser mais complexas no progresso da escola com novas disciplinas.

Os procedimentos são estimulados com objetos, brinquedos, alimento, que a criança goste, para que ela permaneça sentada, caso se levante, deve-se retirar o item. Assim que ela sentar, deve-se devolver o objeto para ela. As autoras afirmam que intervenções como forçar a criança fisicamente segurando ela para que permaneça sentada, devem ser evitadas ao máximo, e reafirmam a importancia do ensino ser mais agradável possível, confortável para a criança. O protocolo a ser aplicado nessa habilidade é (Protocolos de Ocorrência de Respostas).

Para que haja aprendizagem, a criança deve ter permanecido sentada durante 30 minutos, levantando ao máximo cinco vezes. Quando ela evoluir dessa etapa deve-se parar de anotar no protocolo e começar a praticar essa habilidade em outros ambientes diferentes, para manter o comportamento aprendido.

**b) Esperar;**

As autoras definem “esperar” também como um comportamento necessário para o cotidiano, pois há várias situações de nossas vidas que devemos esperar “(...) precisamos esperar quando estamos em uma fila, durante uma brincadeira com outras pessoas, antes de uma consulta”. (p. 65). Algumas crianças com autismo apresentam dificuldade ao esperar por um momento.

O procedimento é quase o mesmo, deve-se pegar um objeto que a criança goste muito, entregar para ela e logo após “pedir emprestado”, quando a criança lhe entregar o item, deve-se dar início ao tempo que ela deve esperar para receber o objeto de volta, caso a criança no inicio recuse a entrega do item, deve-se fazer cosquinhas (brincadeiras) para tomar o objeto,



mas nada que haja desconforto nela, deve-se tomar naturalmente. Começando gradativamente até que ela permaneça sentada por 10 minutos, levantando no máximo duas vezes.

O protocolo a ser aplicado é o (Protocolos de Ocorrência de Respostas). Cada habilidade deve ser registrada nos protocolos para que haja organização e enfoque na desenvoltura da criança.

### **c) Contato visual;**

As autoras afirmam a importância do “contato visual” na “Interação social e para comunicação, pois olhar nos olhos indica que você está atento ao que a pessoa está falando e que você está interessado no assunto e na interação” (p.69). O procedimento é estabelecido por diferentes tipos de contatos visuais, pois iniciam em um breve período de tempo e pode se sustentar por um período maior.

As etapas citadas no livro são um segundo, três segundos, cinco segundos, ao brincar, à distância, ao brincar e a distância e com mais de uma pessoa. A criança deve olhar quando o mediador a chamar, em todas as etapas, deve ser adquirido esse olhar, caso a criança não olhe ao ser chamado, deve-se o educador deve toca-lá para alertá-la. Os protocolos são (Objetivos e metas; Manutenção e contato visual; Contato visual). A habilidade de contato visual é bem estabelecida conforme o avanço das outras duas “habilidades básicas”.

## **2. Habilidades de Imitação;**

Há no entanto outra habilidade essencial que se deve aplicar logo após o progresso da criança nas “habilidades básicas”, nesse caso se tratam de “habilidades de imitação”, as autoras reiteram que “a imitação é uma habilidade muito importante para o desenvolvimento e para a aprendizagem de novas habilidades” (p. 81). Pois caso contrário, irá parecer mais difícil de serem adquiridas as aprendizagens tanto na escola, como obediência com os pais ou outras pessoas, dependendo dos lugares que frequentam tudo deve ser aplicado em diversos ambientes, para a criança criar o hábito e conseguir estabelecer seus comportamentos em determinados ambientes.

No entanto o livro Gomes e Silveira (2016) trás a forma de intervenção associada ao comportamento da criança com TEA e mostra as dificuldades e caminhos que contribuem grandemente para seu desenvolvimento em âmbito social. Havendo desenvoltura na afetividade, uma evolução na estrutura de vida, principalmente no desenvolvimento sensorial, motor. Essa aprendizagem requer tempo e dedicação, não somente dos mediadores que estão intervindo no comportamento dessa criança, pois se deve ter um conjunto trabalhando juntos, tanto os pais, professores, psicólogos, toda uma rede de apoio para que a criança evolua sua autonomia.



Para que haja aprendizagem, a criança com TEA precisa ser exposta aquele estímulo ou habilidade que se deseja desenvolver um prazo regular de aprendizagem explícita. No entanto, quanto mais clareza realizar as intervenções, maior as chances de desenvolvimento daquele comportamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do estudo feito, o presente escrito trouxe análises do livro Gomes e Silveira (2016). Procurou explorar a importância do trabalho do mediador acerca de habilidades básicas e do conhecimento que deve ter sobre elas para o desenvolvimento das crianças com autismo. Enfoca-se a obra como suporte para os educadores, uma vez que ressalta a importância do uso de técnicas baseadas em evidências científicas a partir da Análise do Comportamento para o trabalho com crianças com TEA. Enseja muitas reflexões a relacionadas à inclusão e a função do mediador escolar.

Em virtude dos aspectos abordados considera-se que a mediação escolar é ainda muito desvalorizada e há muito desconhecimento dela enquanto profissão. Infelizmente há um grande despreparo por parte de muitos que desempenham este papel nas salas de aula, especialmente na educação infantil.

Por meio do Projeto de Extensão- “Mediação Escolar: Princípios Formativos e Interventivos para crianças com Transtorno do Espectro Autista a Educação Infantil”, observamos o quanto se precisa de formações para professores e acadêmicos de Pedagogia para que se possa melhor promover o processo de ensino aprendizagem na escola com crianças autistas. Quando se trata de tais crianças, o mediador precisa de conhecimentos específicos para seu engajamento na sala de aula e para que haja melhor desenvolvimento do aluno.

O livro Gomes e Silveira (2016) traz ensinamentos organizados em protocolos e estabelecidos em regras para que com ajuda de um mediador escolar a criança com TEA tenha seus comportamentos desenvolvidos para que haja uma melhora na sua autonomia e convivência do seu dia-a-dia. As “Habilidades de Atenção” são a base para a desenvoltura do progresso da criança autista, pois são ensinadas habilidades de auto controle, cognição, sensibilidade entre outras.

A intervenção do desenvolvimento de crianças com TEA relatada em todo artigo, que requer um olhar amplo, principalmente referente ao mediador escolar. Torcemos para que



demais estudantes que se interessem pelo tema possam encontrar esteio neste trabalho como ponto de partida para aprofundar seus estudos. Pois fundamenta o interesse e valorização de um profissional tão importante para o desenvolvimento infantil, não só para crianças com TEA, mas pela dimensão inclusiva a partir dos estudos na área.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>. Acesso em: 30 Set. 2020.

BRASIL, **Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 24 Set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, 2012. p. 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 15 Set. 2020.

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 12 Set. 2020.

CARVALHO-Filha, F. S. S. C. et al. Análise Do Comportamento Aplicada Ao Transtorno Do Espectro Autista: Aspectos Terapêutico E Instrumentos Utilizados- Uma Revisão Integrativa. **REVISA**. 2019.

COSTA, C. P. S. G.; OLIVEIRA, R. S. A Importância Do Uso De Estratégias De Mediação Pedagógica Para A Inclusão Do Aluno Com Transtorno Do Espectro Autista (TEA). **Revista Educação em Debate**, v. 40, n. 75, p. 43-57. 2018.

GOMES, C. G. S.; SILVEIRA, A. D. **Ensino De Habilidades Básicas Para Pessoas Com Autismo**. Curitiba: Appris, 2016.

MACEDO, G. **Mediação Escolar: Narrando Experiências No Campo**. In: RIBETTO, A., org. Professores formados na FFP/UERJ E Inclusão: Entre Políticas, Práticas E Poéticas (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 147-162. ISBN 978-85-7511-502-2. Disponível em: <<file:///C:/Users/barba/OneDrive/Documentos/CONEDU/ribetto-9788575115022-09.pdf>>. Acesso em 30 Set. 2020.

MOUSINHO, R. et al. Mediação Escolar E Inclusão: Revisão, Dicas E Reflexões. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo: Associação Brasileira De Psicopedagogia, v. 27, n. 82, 2010.

VASCONCELLOS, I. M. M.; DUTRA, F. B. S. **O Papel Do Mediador Escolar Na Inclusão De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista Na Educação Infantil**. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/barba/Downloads/Artigo%20Media%C3%A7%C3%A3o%20Escolar.pdf>>. Acesso em 24 Set. 2020.